

À PROCURA DE JÚLIO CÉSAR

um espectáculo do Teatro da Garagem em co-produção com o Teatro dos Aloés

Teatro Taborda

20 Abril / 21 Maio



ALGUMAS NOTAS TELEGRÁFICAS SOBRE O ESPECTÁCULO À PROCURA DE JÚLIO CÉSAR

Este espectáculo nasceu da vontade de fazer a peça *Júlio César* de William Shakespeare. / O confronto cénico com o texto revelou a necessidade de o alterar. Esse processo de alteração acabou por dar origem a um texto original. / Cenicamente pensei na sequência de fotografias do fotógrafo Hiroshi Sugimoto dedicadas aos drive-ins para conceber o cenário. A arquitectura da cena do Teatro Taborda é inspiradora: o ciclorama emoldurado pelos panejamentos sugere imediatamente as fotografias de Sugimoto. / Ora os "drive-ins" de Sugimoto evocam o cinema, o universo do cinema, dos carros e de hipotéticos motoristas. Imaginei a personagem principal João José, como um actor cansado da carreira teatral que resolve mudar de vida. / Lê o jornal e encontra um anúncio que pede um motorista. O anunciante é um tal Júlio César. O anúncio não diz a morada. / Numa ida à Fnac do Chiado cruzei-me com um filme, *Les Enfants du Paradis* de Marcel Carné. Comprei o dvd. O filme retrata a França do séc XIX e a paixão do público pelo teatro. Foi feito sob o jugo nazi no final da segunda grande guerra. O filme celebra a resistência, alguns colaboradores trabalharam na clandestinidade, e é um hino à liberdade e a uma nova ordem emergente baseada na

esperança de um futuro melhor em que o cinema é a arte popular por excelência. / O filme alicerça-se no imaginário do teatro para propor o cinema. Pensei fazer o inverso: pegar no cinema, nas referências técnicas e artísticas do cinema que gosto, para tentar inventar um teatro amável, generoso e com esperança. / A

personagem João José confronta-se, no início do espectáculo, com falas do *Júlio César* de Shakespeare, emolduradas pela vista esplendorosa de Lisboa, da Cidade. No fim recebe de novo a luz da Cidade, vinda de uma porta da plateia que comunica com o átrio envidraçado onde tudo começou. / Há também o vento do *La Strada* de Fellini que permite a Marilyn Monroe surgir na cena. Ela diz ao João José: "não te esqueças da música, música João José!". / Pensei nesta frase, em particular, para o actor que interpreta o João José, o meu amigo José Peixoto. / Ao longo de todo o processo criativo aprendi muito com os meus colegas a



HIROSHI SUGIMOTO, *South Bay Drive-in*, San Diego, 1993

quem agradeço a energia, a criatividade e o empenho. Para mim valeu a pena trabalhar com profissionais com culturas tão distintas. Espero que o espectáculo espelhe essa diversidade, de uma forma harmoniosa e cativante. / Divirtam-se no que for de diversão e quanto ao resto sejam felizes. / **Carlos J. Pessoa**

TRABALHAR COM "OS OUTROS"

Há pouco tempo e a propósito de uma coprodução dizia que a existência das companhias se justificava, para além desse Serviço Público de natureza cultural prestado à comunidade, pela suas diferenças estéticas e ideológicas que oferecidas a um vasto público alargam horizontes, contribuem para a formação de critérios de escolha, cimentam a consciência moral e cívica e são certamente esteios fundamentais para uma vida democrática. Acrescentaria a criação do Belo, que muitos remetem para o domínio do supérfluo ou mesmo do inútil, mas que continuo a sentir como pertencente à definição do estatuto do humano acrescentando espiritualidade ao que somos. / As coproduções, quase sempre determinadas por razões financeiras, permitem fazer o que as companhias não podem fazer sozinhas, mas diminuem a oferta e a diversidade e até a autonomia das companhias participantes. / Seria um contra-senso se não houvesse a possibilidade de a mostrar a vastos públicos, no mínimo ao somatório dos públicos habituais das companhias, e se o novo objecto artístico criado em conjunto não gerasse, pela sua diferença e dimensão, outras curiosidades e não se impusesse pela singularidade e qualidade artísticas. / Para se erguer um espectáculo, que é uma tomada de posição conjunta, (isto de ser actor implica responsabilidades muito maiores do que se

podem imaginar à primeira vista), são precisas afinidades anteriores ou afinidades que se geram durante o processo de trabalho. / Se não formos vítimas da pior doença do artista que é a paixão cega pela sua obra, que não lhe permite vêr mais nada que a sua obra, e se a obra criada em conjunto se relacionar intensamente com a vida, a afinidade surge. / Pessoalmente "nunca estou seguro de nada", como digo neste espectáculo, e tenho mesmo necessidade de pôr em causa o que faço, não por humildade, que sei que é uma virtude, mas porque preciso ver por dentro outros processos de comunicar e sentir em mim outras formas de criar. / E fazer teatro é um processo de conhecimento, é uma forma de indagar a vida e procurar o seu nexo, não que a vida se explique completamente, mas o teatro é seguramente meio eficaz para nos aproximarmos da compreensão das razões dos outros, dos que o fazem e dos que o vêem, bom caminho para uma sociedade justa e onde faça sentido viver, bom caminho para um teatro onde dê prazer estar. / Alargando a equipa de criadores, alargam-se as visões do mundo e fortalecem-se as vontades de o transformar. / E uma coprodução torna-se um processo de troca com múltiplos valores. / Junta sensibilidades e formas de trabalhar diferentes que procurando um objecto artístico único, enriquece mutuamente os seus diversos

colaboradores. / Impede de nos considerarmos únicos e torna-nos, a nós e ao que fazemos, relativos. / Do ponto de vista pessoal este espectáculo é uma experiência gratificante. / Junta-me a pessoas com quem me cruzei antes e que como criadores se autonomizaram dos modelos que discutimos, que amadureceram os seus processos criativos e que hoje me devolvem processos que eu ainda identifico mas acrescentam experiência, saber e arte ao que sou hoje. / Faz-me percorrer caminhos estéticos por onde não costumo andar e permite-me, a mim e à minha geração, uma viagem através dos nossos percursos teatrais, realidades e sonhos, projectos e fantasmas, emancipação e compromissos, liberdade e dependência, num gesto fraterno pelo que somos e admitindo-nos como companheiros na caminhada de invenção e descoberta que é preciso continuar a fazer. Sinto-me ao vosso lado. / A criação é um processo de dádiva. / Sei quanto vos estimo e como respeito a diferença. / Mas posso dizer também, não porque suponha, mas porque falamos disso, que este encontro de experiências é para todos os actores dos Aloés o prazer de encontrar pessoas empenhadas, entusiasmadas, acreditando no que fazem, que dá prazer ver trabalhar, de uma alegria comunicativa e que isso só por si já justifica estar nesta produção. / José Peixoto

À PROCURA DE JÚLIO CÉSAR

TEXTO, ENCENAÇÃO E CONCEPÇÃO PLÁSTICA / CARLOS J. PESSOA

MÚSICA / DANIEL CERVANTES

CENOGRAFIA E FIGURINOS / SÉRGIO LOUREIRO

DESENHO DE LUZ / MIGUEL CRUZ

DRAMATURGIA / DAVID ANTUNES

INTERPRETAÇÃO / ANA PALMA, CARLA CARREIRO MENDES, DIANA COSTA E SILVA, ELSA VALENTIM, FERNANDO NOBRE, JORGE SILVA, JOSÉ PEIXOTO, LEONOR CABRAL, LUÍS BARROS, MIGUEL MENDES, TIAGO MATEUS E VITOR D'ANDRADE

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO / ELSA VALENTIM E MARIA JOÃO VICENTE

PRODUÇÃO / BRUNO COELHO E GISLAINE PEIXOTO

FOTOGRAFIAS / RODRIGO DUARTE

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO / IRIA MENUT

TÉCNICO DE PALCO E OPERAÇÃO DE LUZ / JOSÉ NUNO SILVA

OPERADOR DE SOM / JOÃO CARMO

ESTAGIÁRIAS / ALEXANDRA VIEGAS E ANTONELA SILVA

TEATRO TABORDA
DA GARAGEM

VALE UM BILHETE NA COMPRA DE OUTRO

Costa do Castelo, nº 75, 1100 - 178 Lisboa / Reservas: 21 885 41 90, 914 723 732

20 Abril / 21 Maio / Qua-Dom / 21.30 h

Preçário / 10€ Público Geral, 5€ Estudantes | <26 anos | Reformados | > 65 anos | Prof. Espectáculo | Grupos > 10 Pax; 2,5€ Residentes na zona | Estudantes das Artes do Espectáculo | Condições especiais para os Amigos da Garagem | Classificação Etária: M12

APOIO DO ESTADO AO TEATRO OU O TEATRO SERVIÇO PÚBLICO
 Sempre pensamos o Teatro como um fórum onde fosse possível discutir tudo quanto aos homens e às mulheres diz respeito. / A cena para nós é um podium, onde se podem mostrar acontecimentos susceptíveis de desencadear a nossa reflexão. / Onde também se podem expor ideias políticas ou morais que nos enriqueçam, que a cena materializa ou dá corpo, que contribuam para a nossa transformação, tornando-nos pessoas dignas e responsáveis cidadãos. / Confessamos que preferimos no teatro discutir a cidade, as pessoas organizadas em sociedade, o poder, o dever cívico, os direitos, a responsabilidade e o compromisso democráticos, o sentido da partilha e também a obrigação de dizer não. / Sentimo-nos bem num Teatro que seja uma escola de cidadania. / Podemos colocar problemas de forma muito séria e grave, o que promove em nós um sentimento de responsabilidade. Há que cultivar o prazer de pensar e escolher as formas superiores de comportamento. Mas também de uma forma muito séria, com umas boas gargalhadas, que nos divertem ainda mais, nos reconciliam com o mundo e nos dão vontade de continuar a lutar por ideais. / É sabedoria observarmo-nos, criticarmo-nos e rirmo-nos de nós próprios sem entrarmos em depressão, sem que tal nos diminua ou nos degrade. / Nada disto foi inventado por nós. É o que sempre foi pedido ao teatro. / Na Grécia antiga entenderam o teatro como um meio eficaz para a formação da personalidade, indispensável para uma sólida estruturação moral, para a compreensão da vida política, para a consolidação da democracia, para o esclarecimento da liberdade individual ou colectiva, o reconhecimento e observância das leis, o seu respeito ou rejeição. / E o teatro reflectiu a nossa relação com os deuses, connosco, com os outros e com a cidade. / É nesse entendimento que se atribuíam aos poetas e aos actores prémios e honrarias. / A cidade grega achou o teatro tão importante que era um alto magistrado que escolhia os poetas e igualmente os cidadãos ricos e honrados para organizar e apoiar materialmente o teatro e atribuíam aos espectadores menos abonados uma compensação pecuniária que permitisse que estes deixassem de trabalhar nos dias da realização dos espectáculos. / E a atitude foi repetida através da História. / Na Idade Média, os Reis, a Igreja e os grandes Senhores serviram-se do teatro para educar, por vezes tutelar e conduzir. / Os Príncipes da Renascença, que sempre quiseram dominar tudo, promoviam orgulhosamente a independência do teatro e todos os poderosos achavam nele uma forma de enaltecimento, cultura e enobrecimento, sentido o dever de o financiar. / Nas cidades livres, onde a burguesia cresceu e se tornou próspera, ao teatro era reconhecido o serviço de promotor da liberdade de pensamento, da igualdade dos cidadãos e esteio para a conquista do poder. / E na Europa essas cidades continuam a conservar esses magníficos edifícios que as classes em ascensão pagavam para acolher o Teatro, continuando hoje o teatro a ter um valor particular e um lugar de destaque nas respectivas culturas. / Em todas estas fases do seu desenvolvimento o teatro inventou para o povo, e o povo inventou para o teatro, o sentido do seu reflexo, análise e libertação. / Em 1790 em França a Convenção proclamava " O teatro é a escola primária dos homens esclarecidos e constitui um suplemento à educação". / Nos nossos tempos muitos Estados reconheceram ao Teatro o estatuto de Serviço Público. Foram criadas estruturas que facultavam o acesso fácil e económico à criação e fruição artísticas. / Nós mantivemo-nos à parte. / Tivemos o fascismo que protegendo-nos da guerra e do contacto com o mundo, nos afastava do progresso material e do desenvolvimento cultural e artístico. / Tudo ou quase tudo o que se fez no domínio do desenvolvimento do teatro no nosso País foi de iniciativa privada, que o Estado por vezes reconheceu. / O financiamento do Estado ao Teatro Profissional hoje fundamenta-se no facto de a actividade das companhias privadas corresponder a um Serviço Público que o Estado ainda não foi capaz de pôr em funcionamento de acordo com os preceitos constitucionais de acesso à cultura e às artes e à imagem da Europa. / Sem a actividade dessas companhias a maior parte da população não teria qualquer contacto com o teatro. O reconhecimento da sua utilidade sociocultural deve obrigar assim o Estado a um continuado apoio ao Teatro.

Teatro dos Aloés



FOTO DE RODRIGO DUARTE

Estruturas financiadas pelo Ministério da Cultura / Instituto das Artes

Apoios:

Câmara Municipal de Lisboa, EGEAC - Teatro da Garagem
 Câmara Municipal da Amadora - Teatro dos Aloés



TEATRO DOS ALOÉS



FOTO DE AURÉLIO VASQUES. OS GUARDAS DO MUSEU DE BAGDAD

Próxima Produção

Três num Baloço
 Texto de Luigi Lunari
 Encenação de José Peixoto
 Recreios da Amadora, Julho 2006

Em digressão

Os Guardas do Museu de Bagdad
 Texto e encenação de José Peixoto
 Lousada, Auditório Municipal | 2 Maio
 Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia | 20 Maio

Em Busca dos Lusíadas
 Texto de Luís de Camões
 Encenação de Elsa Valentim
 (disponível para digressão)

Os Malefícios do Tabaco / O Vrede Tabaka
 Texto de Anton Tcheckov
 Encenação de Elsa Valentim
 (disponível para digressão)

Contactos

Tel. Fax. 21 814 08 25 | Telm. 916 648 204
 E-mail. teatrodosaloes@sapo.pt
 Página. www.teatrodosaloes.pt



TEATRO DA GARAGEM



FOTO DE RODRIGO DUARTE. ÁCIDO

Próximas Produções

Rosa da Mouraria
 Texto e encenação de Carlos J. Pessoa
 Teatro Taborda | 22 Junho a 23 Julho

Deep Flight
 Texto e encenação de Carlos J. Pessoa
 Teatro Taborda
 2 Novembro a 3 Dezembro

A Caixa dos Segredos
 Teatro Taborda | 6 a 15 Dezembro

Em digressão

Ácido
 Texto e encenação de Carlos J. Pessoa
 F.I.T.E.I. | A.C.E., Porto
 27 e 28 Maio

Contactos

Teatro Taborda
 Costa do Castelo, 75
 1100-178 Lisboa
 Tel. 21 885 41 90
 Fax. 21 868 85 50
 Telm. 91 472 37 32 | 96 246 24 16
 E-mail. geral@teatrodagaragem.com

